

'Walkman' da educação

CLAUDIO DE MOURA CASTRO

O lançamento do **walkman** da Sony no início dos anos 80 criou uma pequena revolução na eletrônica de consumo. Mas na verdade, o **walkman** não resultou de uma revolução tecnológica. Simplesmente, combinou de forma inovativa algumas tecnologias já então dominadas.

O Telecurso 2000 lembra muito o **walkman**. Elementos já conhecidos são combinados em um novo produto de muita promessa.

Parte-se de três idéias:

1. Embora necessárias mesmo em ocupações manuais, nossa mão-de-obra carece das habilidades cognitivas básicas (ler, escrever, usar matemática, pensar corretamente, resolver problemas etc.), isto é, falta-lhe a essência do que se aprende na escola.

2. Avanços na teoria da aprendizagem mostram que não dá certo levar esta gente de volta a uma escola com cara de escola e jeito de escola para ensinar estas habilidades. O que dá certo é ensiná-las exatamente no contexto onde fazem falta, isto é, no trabalho e na vida cotidiana. A melhor cartilha para aprender a ler as instruções da lata de tinta é a própria lata de tinta.

3. Se as habilidades básicas fo-

rem ensinadas pela televisão, temos a possibilidade de atingir milhões e não milhares, criando uma solução mais em linha com o tamanho do problema.

O Telecurso 2000 é a materialização destas idéias em supletivos de Primeiro e Segundo Grau e um curso de tecnologia mecânica. Estes cursos chamam atenção por algumas proezas interessantes.

Primeiro, ao usar a televisão e o vídeo para lidar com grandes números de alunos, levam professores de elite a uma clientela que jamais teve acesso a eles. O vídeo captura e reproduz tantas vezes quanto necessário a criatividade e competência destes professores das nossas escolas de elite. A cabeça dos melhores mestres está inspirando o roteiro da televisão e a feitura dos livros que acompanham.

Segundo, o Telecurso inova ao dar a um curso acadêmico uma programação da mesma qualidade que vemos na melhor produção cultural (v.g. a BBC inglesa e a PBS americana) ou comercial. Graças ao grande número de alunos, faz sentido uma produção mais cuidadosa, ao invés das versões mais toscas que vemos, até na programação escolar da TV americana.

Terceiro, é uma escola de Primeiro e Segundo Grau vestida de fábrica. Não há professores, alunos ou

quadros-negros. É o conteúdo da escola ambientado fora da escola. São situações de fábrica, de escritório ou de rua, trazendo e discutindo os problemas e os assuntos da escola. Não creio que haja alhures outros exemplos comparáveis.

Quarto, o curso de tecnologia mecânica representa um tratamento de altíssima qualidade em uma área onde virtualmente todos os vídeos são de fundo de quintal, mesmo nos Estados Unidos. Merece cumprimentos o Senai que mobiliza cerca de cem técnicos para produzir este curso.

Quinto, trata-se de um programa patrocinado e financiado por empresários. A decisão de fazê-lo reflete a mesma maturidade que levou Roberto Simonsen, faz meio século, a propor a criação do Senai que até hoje é o único sistema de formação profissional no mundo inventado e operado pelos empresários os.

No meu entender, este programa põe o Brasil na linha de frente do ensino à distância, em pé de igualdade com Estados Unidos e Inglaterra. Nada mal para um país com uma educação de currículo tão humilde.

Claudio de Moura Castro é economista e chefe da Divisão de Programas Sociais do BID. Este artigo resulta da sua participação no Conselho Editorial do Telecurso, não refletindo posição do BID.